

REFLEXÃO

O CLIMA, OS SUSTOS, A TRANSIÇÃO

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

O homem domina a natureza não pela força, mas pela compreensão. É por isso que a ciência teve sucesso onde a magia fracassou: porque ela não buscou um encantamento para lançar sobre a natureza.
Jacob Bronowski

O PROCESSO de mudanças climáticas caminha muito mais rapidamente do que a capacidade humana em efetivar política e ação para acelerar a descarbonização. Entre os países ricos e pobres, há visões diferentes sobre isso; entre os ricos em petróleo, há interesses em comum; entre os interessados em regular o mundo (União Europeia), há divisões entre os seus Estados-membros. E por aí vai…

Há um enorme número de variáveis nesse processo, desde a reglobalização – em blocos fragmentados de países – até os *lobbies* internos de cada país na defesa de interesses. Há questões ideológicas difíceis de lidar, o desenvolvimento tecnológico em cada país, além das dificuldades relativas a um processo de narrativas que se enlaça aos interesses políticos de cada Estado.

O fato é que os mecanismos de proteção crescem de forma avassaladora, na trilha das ações unilaterais, muitas vezes travestidos de "verde", como mote às ações políticas que não consideram as distintas realidades, por exemplo, entre os hemisférios.

A revolução do agro tropical, na liderança brasileira, aconteceu em face das impossibilidades técnicas de se transplantar ao hemisfério Sul as experiências agroindustriais do hemisfério Norte. É simples assim. Por meio da Ciência e dos esforços dos produtores brasileiros, o milagre verde da produtividade aconteceu. Há quarenta anos, o Brasil mostra ganhos anuais – medidos pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, na sigla em inglês) e pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) – acima de 3% ao ano, contra uma média mundial (que inclui o Brasil) de 1% ao ano na chamada produtividade total dos fatores (PTF). Fazemos duas a três safras na mesma área e no mesmo ano, além de integrar culturas agrícolas na mesma unidade industrial, com pequenos ajustes, como é o caso do casamento da cana-de-açúcar e do milho na produção de etanol.

É óbvio que essas tecnologias são "poupadoras" de terras, são efetivos mecanismos de redução de emissões de gases e irão permitir a recuperação dos solos degradados no Brasil, que estariam ao redor de 40 milhões de hectares (dependendo da fonte de dados).

Tudo isso dá uma visão de relevância do protagonismo brasileiro, mesmo ainda com pequeno uso da irrigação, fator seguramente conhecido para saltos de produtividade e expansão do ciclo de produção.

As mudanças do clima, que têm causado eventos extremos no Brasil, são uma grande preocupação. É um fato que vai se tornando comum e que demanda ações de governo (políticas públicas, como o seguro rural, e estímulos a novas tecnologias, entre outras medidas) e do setor privado em integração (infraestrutura para combate aos efeitos das intempéries, logística, entre outros fatores). Sem ações como essas, não há como o Brasil ser o farol das possibilidades de assegurar alimentos e energia renováveis. Nosso País é o fator diferente para os anos que virão em termos de oferta de proteínas, carboidratos, fibras e outros produtos derivados do agronegócio.

É preciso maior integração público-privada, muito mais efetiva e de menor risco do que a intervenção do Governo na economia. É fundamental para acelerar a transição energética, mais importante do que a eterna discussão sobre desarmamento. É preciso que o Brasil atue como líder nas questões relativas ao agro internamente e, na luta externa, atue na busca pela valorização das ações multilaterais. ■

Perante os eventos extremos causados pelas mudanças climáticas, é preciso haver uma integração público-privada mais ampla e efetiva, que acelere a transição energética, possibilitando ao Brasil destacar-se na garantia das seguranças alimentar e energética.